



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ VALTER CORRÊA DE LIMA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-588

Entrevistado: José Valter Corrêa de Lima

Nascimento: 24/04/1981

Local da entrevista: Academia Top One, Porto Alegre

Entrevistadora: Isabela Lisboa Berté

Data da entrevista: 08/09/2015

Transcrição: Isabela Lisboa Berté

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 17 minutos e 35 segundo

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória como atleta e técnico de Boxe; Projetos sociais; Inserção de mulheres no Boxe gaúcho; Atuação como treinador de Boxe para mulheres; Incentivos e patrocínios para o Boxe; Transformações corporais ligadas à prática do boxe; Diferenças entre homens e mulheres no processo de treinamento e na forma de lutar; Contribuição para o Boxe no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 08 de setembro de 2015. Entrevista com José Valter Corrêa de Lima a cargo da pesquisadora Isabela Lisboa Berté para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Inicialmente eu gostaria de te pedir para comentar sobre sua trajetória como técnico de boxe e os projetos sociais que tu desenvolve.

J. L. – Eu treino desde os meus treze anos, eu tive mais ou menos umas 19 lutas de boxe e tive algumas de Full Contact antes. Era difícil conseguir gurizada para lutar, por isso que eu fazia mais lutas de Full Contact. Com 18 anos eu comecei a lutar Boxe e com 22 anos eu sofri um acidente de moto, no qual eu tive avulsão do nervo C7 na coluna e rompi o C8 e o T1 no plexo. Eu tentei recuperar o C8 e o T1 e acabou ocasionando uma fibrose muito dura, muito densa no meu plexo e aí acabou perdendo tudo. E depois disso fiz outra cirurgia, melhorou um pouco, eu consegui recuperar um pouco do C5 e C6, que tinha acabado perdido também. E aí eu me dediquei mais a projetos sociais. Em 2007, eu comecei um projeto junto com a Federação¹, o Conhecendo o Boxe, de 2007 a 2010, aí a Yeda² acabou tirando a gente de lá. Daí eu fui para Alvorada, onde tive o projeto JAB³, de 2011 até o ano passado. No ano passado, nós acabamos perdendo a sede onde nós estávamos, que era uma creche abandonada. Nós pagávamos uma taxa, mas aí quebrou tudo, o telhado ficou horrível, chovia para dentro. Não teve mais como ficarmos lá... Atualmente nós estamos em Guajuviras, em Canoas, estamos em uma reciclagem lá. E os projetos sociais são esses... Eu estou no Boxe desde os treze anos, adoro e pretendo continuar até o resto da vida, é o que eu gosto. E eu trabalho em um monte de academias aqui em Porto Alegre... Em Porto Alegre, estou só em uma agora, mas em Canoas tem mais duas, que eu estou dando aula de Boxe. E eu tenho uma gurizada dando aula para mim aí. Uma gurizada que eu formei e que dá aula para minha equipe.

¹ Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

² Referência a governadora do Estado do Rio grande do Sul Yeda Rorato Crusius.

³ Jovens Atletas do Boxe.

I.B. – E que momento tu detectou a presença de mulheres treinando boxe?

J.L. – No começo tinham poucas e aí eu resolvi investir nelas, porque já que tem poucas é mais fácil as que têm jeito se sobressaírem. Eu enxerguei isso... Geralmente mulher é mais dedicada, ou dá ou não dá. Não tem meio termo, ou quer ou não quer. Ou é muito delicada ou é muito forte. Então, eu sempre gostei de treinar com mulheres, tenho jeito para trabalhar com elas. E mulher é cheia de frescura, é cheio de... Mas eu consigo lidar bem com mulheres.

I.B. – Tu percebeu alguma resistência da Federação Rio-Grandense de Pugilismo ou de treinadores para treinar mulheres?

J.L. – Eu vi, até hoje em dia tem treinadores que não gostam de treinar mulheres. Por que é diferente, é a mesma coisa que lidar com categorias de base, é a mesma coisa que lidar com adolescentes... É diferente, tu tem que ter um jeito. Mulher, ela não é igual. Tu tem que tratar com jeito, às vezes está naquele período meio complicado, a TPM⁴. Se tu dá um grito a mais, elas ficam magoadas, aí já querem sair... Então mulher é diferente. Tu tem que tratar com um pouco mais de carinho que com o tempo elas vão aprendendo e tu pode dar um duro a mais, que ela vão aceitar. Mas no começo é bem complicado.

I.B. – Quando tu era atleta tu te lembra de ter mulheres treinando?

J.L. – Não, quando eu treinava não tinha, tinha uma que outra, mas era muito raro. Era mais mulheres de treinadores, pessoas que já tinham um... Estavam ligadas a outras que já eram do esporte. E com o tempo foi fluindo mais, tendo mais mulheres. Geralmente começa querendo emagrecer... Tem algumas que não, mas a grande maioria começa porque quer perder peso, diz que é bom Boxe para emagrecer, ficar bonita... E com o tempo elas começam a gostar do esporte e começam a querer trocar porrada.

⁴ Tensão Pré-Menstrual.

I.B. – Em que momento tu percebeu o potencial como treinador de atuar no Boxe feminino?

J.L. – Eu percebi quando eu vi que começaram a lutar... Que eu vi quando aquela guria lá de Guaporé e uma daqui de Porto Alegre... Começaram a lutar só as duas. Então eu vi que poderia treinar mulheres e levar direto para o Brasileiro⁵, porque não teriam lutas e era mais fácil de fazer elas se darem bem. Por que mulher dá ou não dá, não tem essa... Se ela é boa ela vai se destacar. Foi isso, eu vi que dava e eu tinha jeito com mulher. Então...

I.B. – Tu chegou a levar atletas para disputar o Campeonato Brasileiro?

J.L. – Sim, no começo eu levei a Megg⁶, depois eu levei a Fernanda Godinho, levei a Dani Cattani⁷. Levei a Fernanda Montanari⁸, levei a Thassia⁹... Levei um monte de mulheres.

I.B. – Existia muita diferença entre o boxe feminino do Rio Grande do Sul e o de São Paulo e Bahia?

J.L. – É que lá em São Paulo, lá na Bahia, tem mais mulheres. Então elas têm mais ritmo. E mulher lutando com mulher é diferente que mulher lutando com homem. Até porque o homem, eles vão pegar mais leve. Ou se pegar um pouco mais duro vai machucar. Então, tu tem que saber dosar... Como não tinha tantas mulheres, elas iam para lá sem ritmo. Eu até tive uma aluna que ela foi convocada e depois ela parou por motivos pessoais. Foi a Sara¹⁰, ela foi duas vezes para o Brasileiro, tirou uma vez terceiro e na última vez ela foi convocada para Seleção Brasileira. Mas por alguns motivos ela não pode mais continuar... Ela passou em um concurso, não podia viajar para São Paulo. Ela podia ficar

⁵ Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

⁶ Megg Tavares.

⁷ Daniela Cattani.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Sara Santos da Silva.

lá, mas ela preferiu o concurso que é a estabilidade. Nessas regiões, lá pra cima, elas têm mais mulheres, então é mais fácil delas se darem bem.

I.B. – Quais são as condições econômicas para manutenção de projetos sociais de Boxe atualmente?

J.L. – Eu tenho uma associação esportiva, Associação Esportiva Dias de Luta. Nós não temos nada... Eu fundei essa Associação para tentar buscar recursos municipais ou estaduais. Eu estou em um edital agora para tentar, mas a princípio é tudo do meu bolso, porque eu gosto mesmo. Nós não temos sede, não temos nada. O certo era a gente se filiar a alguma entidade, mas é difícil nós conseguirmos fazer o que a gente quer, da forma que a gente precisa. No caso nós montamos um grupo e fizemos essa associação para tentar buscar recursos. Tipo, esse edital que nós estamos concorrendo é de 30 mil reais, se der, o projeto vai dar uma alavancada. Nós vamos poder buscar mais gurizada, vamos poder estender os horários... O caminho é o governo para buscar a verba. Aí depois que nós tivermos uma sede, tivermos tudo estruturado, nós podemos pensar em alguma coisa maior, um ministério, outras coisas assim.

I.B. – As atletas conseguem se manter economicamente apenas treinando boxe?

J.L. – Não, é muito difícil. Ainda mais aqui no sul que não tem muito incentivo. Até porque não tem muitas mulheres... E até vou contar um caso, que eu tinha uma aluna que eu tinha que dar passagem pra ela, eu tinha que dar comida para ela, levava a vianda para nós dois... A gente treinava no CETE¹¹. Então é complicado... E geralmente quem vai mesmo a fundo é quem tem um pouco de poder aquisitivo, porque é difícil se dar bem, é difícil. Por que Brasileiro é uma vez por ano, não tem luta aqui, tu acaba desanimando. É difícil se manter nisso. A não ser depois de certo tempo, que tu passou por todo aquele estágio de aprender e tu começa a dar aula, tu até consegue se manter. Mas a princípio é bem difícil.

¹¹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

I.B. – Tu percebeu alguma resistência de pais e familiares para que as mulheres treinassem? Chegou a ouvir algum comentário?

J.L. – É geral, não só mulheres, gurizada assim... Os pais não gostam, porque machuca. Quando leva a nível de competição machuca. Às vezes leva uma porrada mais forte, machuca a costela, porque pra ti entrar em um ritmo de luta, tu tem que fazer umas “lutinhas” mais pegadas. Os competidores em geral, que não se governam, têm uma resistência maior dos pais. Mas depois eles gostam, veem que é isso que a gurizada gosta, que a mulherada gosta.

I.B. – Qual a situação do boxe praticado por mulheres hoje, tu conhece mulheres que estão competindo regionalmente ou em competições nacionais?

J.L. – A princípio a gente tem a Samara¹², que eu não tenho muito contato com ela. Tem a Megg, a Sara parou... Atualmente ao meu ponto de vista está fraco, por falta de recursos, por falta de diversas coisas. Tem que ter uma dedicação exclusiva do técnico e da pessoa que está querendo competir. É complicado, se não tiver um meio de suprir as necessidades, tanto do técnico como da atleta, é complicado. Tem que ter muito amor mesmo para conseguir.

I.B. – Algumas delas têm que começar a trabalhar e conciliar com o treino?

J.L. – Todas, todas. E aí se tu trabalha tu não consegue cumprir todo ritmo de treino, porque tu tem que ter a preparação física, tu tem que ter um ritmo de luta, tu tem que treinar todos os dias. E é complicado, é bem complicado. A maioria das gurias trabalha.

I.B. – Tu acha que teve um momento em que o boxe foi mais popular para mulheres?

¹² Samara de Oliveira.

J.L. – O boxe feminino teve uma época, eu acho que foi em 2012, quando foram feitas três categorias de boxe feminino. O masculino passou de onze para dez categorias e assim o boxe feminino entrou para as Olimpíadas. Nesse momento, acho que deu uma bombada assim.

I.B. – Virou notícia também.

J.L. – Novidade, o pessoal queria. Acho que foi nesse momento que deu uma bombada assim.

I.B. – Qual a diferença que tu percebe entre as mulheres que treinam para competir e as mulheres que treinam para emagrecer? Tem uma diferença?

J.L. – Tem, tu vê na primeira aula já as que levam jeito. A estrutura muscular é diferente, tu vê que elas não são tão... Elas não querem às vezes partir para a porrada, mas tu vê que elas vão querer no futuro. Eu sinto pelo menos, eu vejo quando dá e quando não dá.

I.B. – Como essas atletas percebem as transformações corporais através da prática do boxe, quando elas se dedicam inteiramente a modalidade?

J.L. – Assim, geralmente a mulherada emagrece muito. Por que no boxe tanto para o masculino como para o feminino o que conta muito é a envergadura. Quem for maior, tiver os braços um pouco mais compridos, acaba chegando antes no oponente e acaba levando vantagem. A gente tem aquela imagem que tem que ser porrada, tem que ser bem mulher homem, pelo contrário, quanto mais magra e mais alta melhor. Então elas acabam ficando com o corpo bem bonito, bem desenhado, elas não ficam fortes. A visão é totalmente o contrário do que o pessoal da rua tem aí...

I.B. – E elas têm algum medo de ficar forte, acontece um pouso isso?

J.L. – Não, eu nunca reparei... As que querem emagrecer sim. Todas chegam: “Ah eu não quero ficar forte, ombros fortes, as costas largas.” Não tem nada a ver. Mas é só quem começa e não entende do esporte.

I.B. – Tu vê alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres?

J.L. – Muda, tu tem que se adequar a elas. E geralmente quando tem muitas mulheres no mesmo ambiente, dá fofoquinha, dá ciúmes. Entre homens não, os homens eles se “arriam” um no outro, não tem ciúmes, entendeu? É diferente, é bem diferente. Mas eu gosto, eu curto.

I.B. – Há diferenças na forma de lutar, os homens são mais fortes, as mulheres mais técnicas? Algo assim ou não?

J.L. – Não, assim, a mulher... É que tem estilo, tanto para o homem quanto para a mulher tem estilo. Geralmente mulher vai pra cima e quer matar, entendeu? Homem, por ter uma maior quantidade, tu consegue moldar um pouquinho mais. Mulher tu também consegue moldar com o tempo também. Mas as primeiras lutas ou elas vão com medo ou elas querem matar, querem acabar logo. Mas é mais estilo, vai de cada um, tanto para homem como para mulher. Mas mulher é oito ou oitenta, ou é mais técnica, ou quer matar a outra. Mas com o tempo muda, com o tempo fica um pouco de cada.

I.B. – Como tu interpreta o fato das mulheres ter ingressado no boxe apenas recentemente, como por exemplo, nas Olimpíadas de 2012. Em outras modalidades de lutas, como o Judô e o Karatê, na década de 1980 elas já estão competindo. Por quê o boxe levou mais tempo?

J.L. – Por que o boxe era o único esporte que não tinha representação feminina nas olimpíadas. Tanto que em Cuba não existe boxe feminino, eles não aceitam. Eu acho que era mais por cultura, porque diziam que Boxe era coisa para homem. Diziam que Boxe

quebrava o nariz, Boxe deixava as pessoas meio débeis... Então, porrada na cabeça é ruim. Tinha esse certo preconceito, mas eu acho que era vindo do esporte. Eu acho que isso mudou muito, acho que não tem mais, mas antes era um pouco da cultura do esporte mesmo.

I.B. – Queria que tu comentasse um pouco a tua contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

J.L. – Eu gosto, não é? Eu gosto de treinar a mulherada, quanto mais mulher para mim melhor. Eu perdi as contas de quantas mulheres eu já coloquei para lutar. Eu acho que eu fui o técnico no Rio Grande do Sul que mais colocou mulheres para lutar, tanto em Brasileiro, quanto para lutar no Rio Grande do Sul. Eu acho que a partir das minhas gurias, outras quiseram lutar também, outras estão querendo. Então eu acho que foi uma fase importante para alavancar o Boxe feminino. Eu acho que eu contribuí levando as minhas para incentivar outras.

I.B. – Tem alguma coisa que eu não perguntei e que tu gostaria de deixar registrado?

J.L. – As mulheres que quiserem treinar, eu gosto bastante, tenho bastante disposição, tenho bastante experiência. Então, quanto mais mulheres vierem para mim eu aceito. E com o tempo os treinadores vão aprender a lidar. Tu tens que entender um pouquinho como é o ciclo delas. Com o tempo tu aprende a lidar com as TPM's, com a fofocas, intrigas, por que uma vai ficar com ciúmes da outra: “Ah, tu tá dando mais atenção para ela.” Às vezes a gente dá mais atenção por que está na hora dela lutar e a outra não está ainda. Tu é obrigado a puxar uma “manoplinha” a mais, é obrigado a cuidar um pouco mais do peso. Ou de repente tem mulheres que sentem dor no peito quando soca, porque uma das regras do boxe é poder utilizar ou não o protetor de seio. Tem umas que não sentem nada, mal tem a glândula mamária ali, então não dói mesmo, tem umas que não tem nada de seio. Tu tem que saber lidar com isso, às vezes tem uma moça com um peito maior: “Ah tu vai usar.” Tu fica cuidando: “Pegou no peito, não pegou?” Vai fazer luva

com um rapaz: “Não bate no peito dela. Vai machucar.” Tem umas proteções que tu dá para uma e não dá para outra, mas por causa do físico. Tu vai aprendendo a lidar, não como o homem e várias gurizadas assim, tu tem que saber lidar com cada uma, cada uma tem um ponto assim diferente.

I.B. – Muito legal!

J.L. – Gostou?

I.B. – Muito Obrigada pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]